

## EDITORIAL

### DOSSIÊ: **Interfaces do Texto Amazônico**

O ano de 2021 começou ainda com os efeitos da pandemia da Covid-19. Os cuidados são os mesmos de 2020, todavia pode-se já contar, não ainda no ritmo esperado, com a imunização por intermédio de vacinas que sinalizam para um desfecho do cenário vivido desde os primeiros meses do ano passado.

Esta edição da Revista Asas da Palavra (v. 18, n. 1) traz o desafio de construir uma tessitura analítica sobre **Interfaces do Texto Amazônico**, com contribuições relevantes para dissecar o temário em tela, sendo as mesmas pautadas pelo olhar interdisciplinar e pela perspectiva problematizadora. Trata-se de um trabalho permeado por percalços pelos quais passam profissionais da educação neste momento de ainda muita insegurança sanitária e dificuldades de todas as ordens para a condução das atividades de modo remoto. Pelos temas abaixo relacionados, pode-se vislumbrar a densidade da estrutura argumentativa dos artigos selecionados para esta edição.

Com uma abordagem literária contemporânea, Paulo Nunes propõe um estudo intitulado **Por uma geopoética da expressão amazônica: um olhar sobre a literatura no Pará**. Os polos geoculturais paraenses são analisados do ponto de vista do ensaísta Antonio Candido, cujo olhar se reporta ao universo literário e a conceitos e categorias sociológicas amplamente consolidados na fortuna crítica da literatura brasileira.

**Educação (in)sensível na Amazônia do séc. XX: um porvir nas fronteiras da miséria humana em Maria Dagmar e Candunga, de Bruno de Menezes (1893-1963)** é uma investigação de Leomax Cardoso Machado, que se debruça sobre as vozes e os tensionamentos silenciados historicamente em terras amazônicas, os quais foram tratados pela perspectiva dialógica, em interfaces com outros horizontes teóricos, na qual sobrassem manifestações culturais, captadas pela narrativa do escritor paraense.

**O mito do (jura)boto: um estudo sobre encantarias na poética de Antônio Juraci Siqueira** é o título de um estudo de Geovane Silva Belo e Víctor Salgado de Melo, que ressignifica a inserção de personagens encantados no cotidiano amazônico, algo que se reporta à cosmogonia de uma região rica em narrativas mágicas e sobrenaturais. As tipologias poéticas de Juraci Siqueira são interpretadas por viés crítico com base em contribuições, entre outras, de Paes Loureiro, pesquisador do imaginário da Amazônia.

Nellihany dos Santos Soares disserta sobre **A aquonarrativa de Ildefonso Guimarães: a simbologia da água em linha do horizonte**, ancorando sua reflexão em pressupostos teóricos oriundos de Gaston Bachelard. Há um esforço de tratar o elemento água, abundante na Amazônia, como um potencializador do imaginário cuja tradução, para o devir da narrativa de Ildefonso Guimarães, se processa de maneira a incorporar a chuva, perene pelo menos por seis meses ao ano na região, na condição de definidor do desfecho da protagonista literária.

**Signos indiciais (inventivos) em Iracema, uma transa amazônica 1974**, de autoria de Rafael Costa e Vithória Barreto, traz uma leitura semiótica peircena de uma peça cinematográfica dos anos 1970. Trata-se de uma abordagem em tom de ressignificação, porque atualiza problematizações do cotidiano da região ainda presentes em múltiplas reconfigurações.



Um artigo que aborda um tema candente da atualidade foi escrito por Andreia Melo, Andrelly da Silva Silva, Valter Lobato Filho e Rodolfo Silva Marques. Intitulado **A Amazônia em fato e fake: a checagem de informações sobre queimadas no site do G1**, o texto problematiza o noticiário que, em razão de como é estruturado, às vezes de forma acrítica, tenta ser desmistificador de peças jornalísticas criativas (fake news). Trata-se de um estudo de caso, efetivado no diálogo com base em uma revisão de literatura.

**A comunicação das aparelhagens: interfaces semióticas das faixas publicitárias de festas em Belém** é um artigo assinado por Jaqueline Silva Costa e Will Montenegro Teixeira, no qual há registros da percepção visual e verbal, de moradores da periferia da capital do Pará, acerca de como eles traduzem, para mensagens com conteúdo publicitário, seus modos de vida. A investigação teve a fundamentação teórica baseada na semiótica de Charles Peirce, contando com a mediação de pesquisas empíricas de Lúcia Santaella, divulgadora da obra do semioticista estadunidense.

Protásio César dos Santos, Jovelina Maria dos Reis e Maria do Carmo Prazeres Silva contribuem para esta edição com o artigo cujo título é **Ethos: a construção de imagens de si no discurso de Antônio Lemos**. Trata-se de uma investigação que, por intermédio de um corpus contendo os relatórios da Intendência Municipal de Belém, explorou a constituição da autoimagem de um governante, embasando-se teórico-metodologicamente na análise de discurso de origem francesa.

Por fim, tem-se ainda uma resenha da obra **O lugar do saber**, de autoria da poeta Márcia Wayna Kambeba. Resenhado por Jairo da Silva e Silva, a análise crítica enfoca a ancestralidade, saberes e resistência indígena na abordagem da escritora amazonense.

A Amazônia é um tema de profusão oceânica e este dossiê é uma contribuição para o discurso qualificado sobre as investigações contemporâneas acerca da região.

Estas editoras desejam uma ótima viagem pelas palavras e que leitores/as possam recepcionar estes textos em plena saúde física e mental.

*Profa. Dra. Ivana Oliveira (PPGCLC/UNAMA)*  
*Profa. Dra. Lucilinda Teixeira (PPGCLC/UNAMA)*  
**EDITORAS RESPONSÁVEIS PELO DOSSIÊ**